



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

BEATRIZ DE PAULA MOURA RIBEIRO  
LAIZA MONIK DE OLIVEIRA MANGAS

**EDUCOMUNICAÇÃO: DOCUMENTÁRIO DE JORNALISMO AMBIENTAL COMO**  
**PRÁTICA DE CONSCIENTIZAÇÃO**

**MACAPÁ – AP**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

BEATRIZ DE PAULA MOURA RIBEIRO  
LAIZA MONIK DE OLIVEIRA MANGAS

**EDUCOMUNICAÇÃO: DOCUMENTÁRIO DE JORNALISMO AMBIENTAL COMO  
PRÁTICA DE CONSCIENTIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá. Categoria Projeto Experimental sob orientação do Prof. Me. Paulo Vitor Giraldi Pires.

**MACAPÁ – AP**  
**2018**

**EDUCOMUNICAÇÃO: DOCUMENTÁRIO DE JORNALISMO  
AMBIENTAL COMO PRÁTICA DE CONSCIENTIZAÇÃO**

BEATRIZ DE PAULA MOURA RIBEIRO

LAIZA MONIK DE OLIVEIRA MANGAS

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Msc. Paulo Vitor Giraldi Pires  
Presidente da Banca Examinadora  
Orientador

---

Prof. Dr. Rafael Wagner Santos Costa  
1º Avaliador

---

Prof. Dr. Aldenor Benjamim dos Santos  
2º Avaliador

Dedicamos este trabalho a todas as pessoas que de alguma forma lutam pelas causas ambientais em busca de um futuro melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por ser nossa fortaleza e ter nos concedido saúde, força e disposição ao longo dessa trajetória.

Aos nossos pais, Domingos Campos e Rute Moura; Lília Mangas e Paulo Mangas, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Aos nossos namorados, Cláudio Pena e Michael Bosque Junior, por compartilharem conosco esse momento, sendo compreensíveis e companheiros.

Aos professores que contribuíram para nossa formação acadêmica no curso de Jornalismo, em especial, ao nosso orientador Paulo Vitor Giraldi Pires, que nos deu todo o suporte necessário para a construção deste trabalho de conclusão de curso.

Nossa gratidão a todos que direta ou indiretamente fizeram parte deste percurso.

O Jornalismo tem que sair do esquema de cobrir apenas catástrofes e assumir o seu papel educativo.

(Ilza Girardi)

## RESUMO

Este trabalho apresenta um modelo de prática educomunicativa elaborada por meio de um documentário televisivo que visa trabalhar a conscientização ambiental. O produto retrata um dos principais problemas da cidade de Macapá: o descarte inadequado de lixo, e faz ainda um paralelo com o processo de ensino e aprendizagem indicando soluções para a questão. Para a construção do trabalho, foi feito primeiramente uma pesquisa bibliográfica para apresentar os conceitos acerca dos principais temas abordados: educomunicação, documentário e jornalismo ambiental. Para se chegar ao resultado, foi realizada a pesquisa etnográfica, utilizando a técnica da entrevista com especialistas ambientais, representantes de instituições governamentais e com a população, além da pesquisa-ação realizada com os alunos da Escola Municipal José Leoves Teixeira, oportunidade em que foram realizadas oficinas de reciclagem. O documentário será direcionado para alunos e professores das escolas municipais, e espera-se contribuir na formação de uma educação ambiental, levando informações e despertando a reflexão por parte desse público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação. Jornalismo Ambiental. Meio Ambiente. Macapá, Documentário de TV.

## **ABSTRACT**

This work presents a model of educommunication practice elaborated through a television documentary that aims to work on environmental awareness. The product portrays one of the main problems of the city of Macapá: the inappropriate disposal of garbage, and also parallels the teaching and learning process indicating solutions to the issue. For the construction of the work, a bibliographical research was first made to present the concepts about the main themes: educommunication, documentary and environmental journalism. In order to arrive at the result, the ethnographic research was carried out, using the technique of interviewing environmental specialists, representatives of governmental institutions and the population, as well as the action research carried out with the students of the José Leoves Teixeira Municipal School. workshops. The documentary will be directed to students and teachers of municipal schools, and it is hoped to contribute in the formation of an environmental education, taking information and provoking reflection on the part of this public.

**KEY WORDS:** Educommunication. Environmental journalism. Environmental. Macapá, Television documentary.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA .....	12
1.3 HIPÓTESE .....	13
1.4 JUSTIFICATIVA.....	13
1.5 OBJETIVOS .....	14
<b>1.5.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>14</b>
<b>1.5.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>14</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 ACELERAÇÃO SOCIAL DO TEMPO NO ESPAÇO ESCOLAR .....	14
<b>3 EDUCOMUNICAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
3.1 EDUCOMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE.....	19
<b>4 PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA ESCOLA .....</b>	<b>21</b>
4.1 AS MÍDIAS COMO RECURSO NAS PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS .....	23
<b>4.1.1 O vídeo como ferramenta de ensino-aprendizagem.....</b>	<b>24</b>
4.2 TEORIA FUNCIONALISTA DA COMUNICAÇÃO: A FUNÇÃO DAS MÍDIAS NO ÂMBITO SOCIAL.....	28
<b>5. JORNALISMO AMBIENTAL E EDUCOMUNICAÇÃO COMO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>30</b>
5.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR .....	32
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO: LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES E DADOS.....	38
6.2 DELINEAMENTOS DO PRODUTO .....	40
6.3 PERSONAGENS .....	40
<b>6.3.1 Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira.....</b>	<b>41</b>
<b>6.3.2 Especialistas ambientais .....</b>	<b>41</b>
<b>6.3.3 Representantes de instituições.....</b>	<b>42</b>
<b>6.3.4 População .....</b>	<b>42</b>
6.4 ORÇAMENTO .....	43
6.5 GRAVAÇÕES .....	44
6.6 ROTEIRO .....	45
6.7 EDIÇÃO.....	47

6.8 PÚBLICO-ALVO .....	50
6.9 VEICULAÇÃO.....	51
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE – ROTEIRO DE PERGUNTAS .....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a problemática do descarte inadequado de lixo na cidade de Macapá trabalhando o processo de conscientização ambiental a fim de direcionar para uma prática Educomunicativa desenvolvida em um documentário televisivo, que tem como público-alvo alunos e professores das escolas da rede municipal de Macapá.

O Jornalismo Ambiental, na compreensão de Bueno (2007), além de informar desempenha a função pedagógica apresentando soluções para o problema. Dessa forma, o documentário televisivo intitulado Lixo: um grito pelo meio ambiente apresenta três blocos divididos em: Uma realidade de todos nós, em que é tratado a questão do lixo no mundo, no Brasil e em Macapá; O caminho do lixo em Macapá aborda especificamente o problema do lixo na cidade; Conscientizando geradores de lixo é o último bloco, neste, será sugerido as maneiras de se trabalhar com o lixo na escola em um processo de reciclagem.

O documentário é destinado a escolas municipais que trabalham com as turmas de Ensino Fundamental I e com o Programa de Atendimento aos Alunos com Defasagem Idade e Série (Praadis) por se tratar de crianças e jovens que ainda estão em formação. Dessa forma, utilizando o método de ensino-aprendizagem trabalhado na Educomunicação é possível praticar a educação ambiental com esses estudantes apresentando maneiras de se reutilizar o lixo.

Diante do entendimento de Soares (2011), um dos precursores dos estudos na área no Brasil, a Educomunicação é um campo de ação emergente na interface Educação e Comunicação e apresenta-se hoje como um excelente caminho de renovação das práticas sociais. Essa área propõe novos tipos de aprendizagem, utilizando recursos tecnológicos na sala de aula.

O gênero documentário utiliza o recurso tecnológico da televisão quando se quer passar informação para a sociedade. Ele é um importante método, pois vincula som e imagem. Nichols (2012) elucida que o documentário tem a finalidade de apresentar uma visão real do mundo em que vivemos, ativando também uma consciência social.

Na escola, esse gênero se torna um excelente material didático, pois transmite conteúdo com mais realidade, permitindo uma melhor apreensão por parte dos alunos. Ao utilizar o produto como prática pedagógica, o professor que é mediador dessa relação, pode suscitar debates na sala de aula, gerando assim, questionamentos sobre o descarte inadequado

de lixo, a poluição, dentre outras consequências. Além disso, auxiliará a escola a trabalhar oficinas de reciclagem como maneira de solucionar o problema.

Para a elaboração deste memorial foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, que fundamentou a produção de quatro capítulos. No primeiro capítulo é abordado a aceleração social do tempo no espaço escolar, termo utilizado por Citelli (2017), para definir a mobilidade e rapidez com o uso das tecnologias nos tempos atuais, trazendo mudanças no cotidiano escolar.

No segundo capítulo é apresentado o campo teórico-prático da educomunicação e sua definição. Além de mencionar o estudo na área no contexto da região norte do Brasil. Já no terceiro capítulo são abordadas as práticas educacionais no ambiente escolar, incluindo as ações, o papel do professor como mediador e as formas de se trabalhar com as tecnologias, especificamente o vídeo.

Por fim, no quarto capítulo o foco é o Jornalismo Ambiental como fonte de informação para a sociedade, mas também, questiona o seu papel educativo na formação da sociedade. Somado a essas questões foi abordado a educomunicação no ambiente escolar com o objetivo de ajudar na conscientização dos alunos por meio de recursos midiáticos.

Para a produção do documentário foi realizado a pesquisa etnográfica com a técnica de entrevista com especialistas ambientais, representantes de instituições e a população em geral. Além de pesquisa-ação com os alunos da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira, localizada no bairro Renascer, Zona Norte de Macapá, com a finalidade de mostrar as oficinas de reciclagem realizadas por eles.

De maneira geral, este trabalho de conclusão de curso visa contribuir para a formação de estudantes da rede pública de Macapá, auxiliando no processo de educação ambiental permanente na comunidade escolar.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

As questões ambientais são noticiadas diariamente, porém, isso por si só não resulta em uma conscientização por parte da população e do poder público. Nota-se que, cotidianamente, a sociedade não tem práticas de educação ambiental, principalmente nas escolas, que poderiam ser espaços para estimular essa conscientização. Dessa maneira, este trabalho questiona: de que forma o Jornalismo Ambiental pode contribuir para levar conscientização de estudantes da rede pública de Macapá?

### 1.3 HIPÓTESE

Problemas ambientais gerados pelo descarte inadequado de lixo podem ser mitigados e/ ou evitados se for trabalhada uma educação ambiental nas escolas. Por meio de mídias educativas com recursos audiovisuais, é possível apresentar a realidade desse problema em Macapá, gerando assim, uma reflexão acerca do tema dentro da sala de aula.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema foi após a verificação, por meio das mídias, de que os problemas ambientais são pouco evidenciados. Assim, foi gerado um questionamento a respeito do tema e de que forma seria possível apresentar os problemas ambientais, sem apenas noticiar, mas sim criando uma reflexão. Dessa forma, espera-se estimular o cuidado quanto ao descarte do lixo e o quanto ele pode prejudicar o meio em que vivemos como também pode afetar a vida da população em geral se feito de maneira inadequada.

A realização de um documentário televisivo de cunho educativo é uma forma de contribuir no processo de educação ambiental. A escolha do público-alvo, ou seja, das escolas da rede pública de Macapá, foi visando a facilidade de se educar crianças que ainda não possuem hábitos formados, diferentes de jovens e adultos. Dessa forma, é necessário conscientizar esses alunos, e a partir deles alcançar o público adulto.

Para conseguir o resultado esperado, é apresentado no documentário a problemática do descarte inadequado de lixo no mundo e no Brasil. Em Macapá, contextualizamos o problema com entrevistas de representantes dos órgãos governamentais, além de dados e explicações de especialistas ambientais. Por fim, apresentamos possíveis soluções por meio de oficinas de reciclagem de papel, pneus e resto de alimentos.

A Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira é conhecida em Macapá por ser um modelo de educação ambiental, por isso a escolhemos para compor o nosso documentário. A instituição também desenvolve o projeto com algumas turmas dentro do Programa de Atendimento aos Alunos com Defasagem Idade e Série (Praadis). Esses alunos estão na faixa etária entre 10 a 15 anos, ou seja, em idade acima da correspondente para a série, no caso, de 1º ao 5º ano, além disso, são estudantes em vulnerabilidade social.

Este trabalho apresenta métodos educomunicacionais que objetivam o levantamento de informações para contribuir no processo de conscientização ambiental. Para a instituição, servirá como base de estudos nas áreas ambientais e de jornalismo, e para a sociedade, servirá

como auxílio às formas de ensino oferecido pelas escolas públicas do município de Macapá, de forma que, as crianças e adolescentes possam desenvolver essa educação e levá-las até pais e familiares.

## 1.5 OBJETIVOS

### 1.5.1 Objetivo Geral

Contribuir com o processo de educação ambiental nas escolas, apresentando um documentário jornalístico que aborda as consequências do descarte inadequado de lixo, assim como, soluções para o problema.

### 1.5.2 Objetivos Específicos

Produzir um documentário jornalístico ambiental que expõe o descarte inadequado de lixo no Brasil, especificamente em Macapá, e que também apresente soluções para a questão;

Apresentar o produto para ser trabalhado como recurso didático nas escolas municipais;

Proporcionar aos alunos e professores discussão acerca das questões levantadas no documentário;

Incentivar a conscientização ambiental.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 ACELERAÇÃO SOCIAL DO TEMPO NO ESPAÇO ESCOLAR

Com o advento da tecnologia, estudantes e professores passaram a ficar mais conectados por meio de aparelhos eletrônicos, como consequência recebem informações o tempo todo. A aceleração social do tempo, termo utilizado pelo professor Citelli (2017), refere-se a um processo de transitoriedade, mobilidade e rapidez, do tempo em que vivemos, marcado pelas tecnologias da informação e da comunicação, pela internet e pelas redes sociais.

A cultura baseada nos processos de intensa mobilidade, na qual e para qual os meios de comunicação e as tecnologias digitais jogam papel decisivo, traz consigo as dores e as delícias do transitório como, de um lado, a facilidade para circular informação e, de outro, a superficialidade nas relações, açodamento pragmático, impaciência no que exige ritmo lento – a exemplo do estudo sistemático e da reflexão, que são instâncias decisivas da formação escolar dos estudantes (Ibid., p. 19).

Esse processo tem se destacado cada vez mais no ambiente escolar, trazendo mudanças significativas no método de ensino que sempre foi baseado na relação professor e aluno. O professor era o que detinha todo o conhecimento e apenas repassava para o aluno, não havendo troca de experiências e saberes. Essa correlação é definida como concepção bancária, ou seja, a “rigidez dessa posição nega a educação e conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 2017, p. 81).

Como forma de mudar essa posição, Paulo Freire defende uma educação libertadora, na qual não existe mais apenas o professor como detentor do conhecimento, e sim um compartilhamento de saberes por meio do diálogo com o estudante.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (Ibid., p. 96).

A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois é por meio dela que há o convívio entre aluno e professor e o compartilhamento de saberes. Com o uso da tecnologia, essa relação se tornou mais complexo, pois a todo momento o educador e o educando estão sendo bombardeados com informações.

Essa dinâmica é um dos questionamentos tratados por Citelli (2017) como aceleração social do tempo no espaço escolar. O autor pontua que a escola se encontra em um ritmo lento, ou seja, não acompanha o tempo acelerado que a tecnologia propõe.

Ao pensarmos o problema da educação formal em seus nexos com a comunicação, tendo em vista um debate mais amplo envolvendo os temas da aceleração do tempo social e da formação dos sujeitos, intentamos considerar um quadro histórico no qual convivem discentes e docentes das escolas brasileiras. E, neste caso, foram enfatizadas duas questões centrais, que, articuladamente, merecem ser, em outro momento, aprofundadas: uma feita a certas características que conformam a sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere aos temas acima suscitados, e a outra atinente às preocupações com os processos formativos, educativos, que acompanham a vida nas escolas (Ibid., p. 24).

Ou seja, o tempo em que vivemos é marcado pelas tecnologias da informação e essa dinâmica tem trazido mudanças no comportamento e cotidiano de quem trabalha com a

educação. Pois, a informação está o tempo todo ao alcance do professor e do aluno, e isso influencia nos processos didáticos e afeta o ritmo das escolas, que ainda utilizam como didática predominante os livros. Em vista disso, a introdução das novas tecnologias dentro da escola é uma das principais dificuldades enfrentadas.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

O mundo da comunicação permite a ampliação do conhecimento o que antes só era possível dentro da escola e com uma única metodologia, o livro. Dessa forma, esse conhecimento obtido por meio das mídias é um desafio que a escola está enfrentando por não saber atrelar o recurso didático do livro com a tecnologia.

O livro continuará sendo a peça-chave na medida em que a primeira alfabetização, a que abre o mundo da escrita fonética, em lugar de fechar-se sobre a cultura letrada, lance as bases para a segunda alfabetização, que nos abre as múltiplas escrituras que hoje conformam o mundo do audiovisual e do texto eletrônico (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 51).

Portanto, o livro continuará sendo o principal recurso na alfabetização, mas as mídias são um reforço do conhecimento, permitindo assim, uma segunda alfabetização. Sendo assim, as mídias são ferramentas importantes na cultura de uma sociedade, por meio delas é possível formar opiniões sobre determinado assunto.

Segundo Ribeiro (2001), a comunicação e a tecnologia, sendo utilizadas de forma conjunta, são formadoras de identidades e ajudam na construção de novos conhecimentos.

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá atingir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgido da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercambio criativos e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial (MARTÍN-BARBERO, 2014, pp. 52-53).

Na compreensão de Martín-Barbero (2014), a escola precisa assumir os meios de comunicação como estratégias de conhecimento, alterando suas formas de relacionamento e ensino-aprendizagem, capacitando, assim, o educando para uma mentalidade crítica acerca do mundo em que vive.



Com a revolução tecnológica, a educação está passando para a fase em que se ensina pela comunicação. Freire (1996, p. 139) salienta que “o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante”.

O debate dentro da sala de aula, a utilização dos recursos da tecnologia, a preparação dos docentes e equipe técnica para trabalhar com mídias, já faz parte hoje da realidade da educação.

A educação já não é mais concebível a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual a idade para aprender são todas, e o lugar para estudar pode ser qualquer um (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 121).

Dessa maneira, na era em que vivemos, atrelar a educação com a comunicação não é considerada uma opção, mas sim, uma necessidade. Diante das circunstâncias, um novo modelo, como a Educomunicação, é uma proposta que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

### **3 EDUCOMUNICAÇÃO**

O termo Educomunicação surgiu na América Latina na década de 70 após um movimento em que um grupo de pessoas se reuniu para usar os recursos da informação na defesa de seus interesses. Os impulsionadores desse processo foram, Paulo Freire com a teoria da comunicação dialógica dos processos comunicacionais, e Mario Kaplún com os seus estudos na teoria da comunicação com os processos educativos.

No Brasil, o pensamento da Educomunicação ganhou repercussão na década de 1980, por meio do projeto rádio escolar, na Universidade de São Paulo (USP). O precursor do estudo no país foi o jornalista, doutor em comunicação, fundador e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), Ismar de Oliveira Soares.

A Educomunicação é um campo teórico-prático que consiste em trabalhar a comunicação e a educação por meio de produção de conteúdos educativos de cunho midiáticos. Na compreensão de Soares (2000, p. 63), a Educomunicação é definida como “o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos,

programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas educomunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais”.

No mesmo sentido o referido autor entende que, essas ações são destinadas principalmente a “Integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas” (Id., 2018a, pp. 1-2).

Nesse contexto, essas ações estabelecem práticas educativas por meio de mídias, além de fortalecer ecossistemas comunicativos. Na visão de Kaplun (1999), a comunicação deve ser considerada não como apenas um instrumento midiático e tecnológico, mas, sobretudo, como um recurso pedagógico.

Citelli e Costa (2011) entendem que a Educomunicação traz uma dimensão complexa entre os campos da comunicação e da educação.

Trata-se de reconhecer, agora, a existência de um campo inter e transdisciplinar, cujos lineamentos deixam de ser dados, apenas, pelos apelos, certamente necessários de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola, e se expandem, sobretudo, para um ecossistema comunicativo que passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a construir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade (Ibid., p. 7).

De acordo com os autores, é necessário reconhecer a existência de um campo inter e transdisciplinar que deixam de existir apenas na escola e passam a integrar a sociedade.

O ponto chave de ação da Educomunicação são os ecossistemas comunicativos. Na compreensão de Soares (2000, pp. 22-23), “o ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional”.

A Educomunicação entende ser necessário a criação de ecossistemas comunicativos nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação (Id., 2018b, p. 1).

Dessa forma, a sociedade cria ecossistemas comunicativos por meio de diálogos e muitas vezes utilizam recursos tecnológicos para reforçar esse vínculo.

Martín-Barbero (2014, p. 66) constata que a revolução tecnológica produz transformações transversais que se evidenciam na emergência de um ecossistema educativo “conformando não só por novas máquinas ou meios, mas por novas linguagens, escritas e

saberes, pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipografia e a reintegração da imagem ao campo da produção de conhecimentos”.

Sendo assim, Soares defende que para se obter uma gestão da comunicação e informação em espaços educativos, é preciso trabalhar com uma comunicação planejada, administrada e avaliada, permanentemente.

No que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem-vindos sejam, desde que sejam aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica; como meios de comunicação e não de simples transmissão; como promotores do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos. Enfim, não meios que falam e sim meios para falar (KAPLÚN, 1999, p. 74).

Conforme cita o autor, a Educomunicação deve ser introduzida nos espaços educativos a partir de condições pedagógicas e interativas com os agentes sociais.

No Brasil, os parâmetros curriculares introduzem a educomunicação como processo de ensino. O uso dos recursos midiáticos como prática educativa está legitimada pelo Ministério da Educação (MEC), desde 2007, por meio do Programa Mais Educação. Dessa forma, o campo da Educomunicação tem crescido cada vez mais no país.

### 3.1 EDUCOMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE

O estudo da comunicação na região norte do Brasil teve seu desenvolvimento por meio do Programa de Pós-Graduação Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Os estudos foram marcados pelo projeto da série Comunicação, Cultura e Amazônia, coordenado por professores da instituição. A série reúne artigos de pesquisadores que se dedicam aos estudos nesta e desta região.

A comunicação na região amazônica ainda enfrenta dificuldades devido as distâncias entre as localidades, a heterogeneidade cultural e ambiental.

Como integrar uma região onde as pessoas estão separadas por milhares de quilômetros e entre elas se colocam obstáculos naturais como a floresta tropical e alguns dos maiores rios do planeta? Que consequências esses fatores têm para a prática da comunicação na Amazônia? (MONTEIRO; COLFERAI, 2011, p. 42).

Na análise dos autores, pensar a comunicação na região está atrelado à necessidade de se pensar em tecnologias da comunicação necessárias para superar as distâncias e, ao mesmo tempo, apreender as diferenças culturais e ambientais.

As tecnologias da comunicação e informação parecem assumir papel de extrema relevância nesse contexto e levarem a questões como quais são os discursos e como chegam até as cidades e às comunidades mais afastadas? Como são decodificados e apropriados pelos habitantes? (Ibid., p. 43).

Portanto, as tecnologias exercem um papel fundamental de informação e conhecimento para as diversas localidades da região norte. É por meio das mídias que os povos ribeirinhos se integram a esse processo de comunicação.

O rádio, por exemplo, é um dos principais meios de comunicação utilizado nas comunidades ribeirinhas, através dele, é realizado a transmissão de conhecimento e entretenimento para essas comunidades.

Em regiões geograficamente distantes, o rádio tem papel fundamental na transmissão da informação, mais do que isso, o rádio é um dos principais elementos formadores de opinião, onde muitas vezes é o único canal de comunicação entre a comunidade (BURINI; MOURA, 2015, p. 74).

Ou seja, o rádio opera como instrumento adequado para promover o debate e a interpretação no campo da educação, colaborando para a cidadania e a integração da comunidade local.

Martín-Barbero (2014) reforça a relação dos meios de comunicação serem auxiliares no processo de isolamento de determinados grupos, ou seja, por meio das mídias é possível se conectar com diversos grupos.

São o rádio, a televisão e a rede de informática que acabam convertendo-se em um dispositivo de comunicação capaz de oferecer formas com que se contrapõe ao isolamento e à incerteza dos indivíduos, possibilitando vínculos culturais para os diversos grupos em que se fragmenta a sociedade (Ibid., p. 132).

Por meio da Educomunicação, é possível levar a educação utilizando-se de recursos midiáticos, como televisão e rádio, para qualquer lugar da região. Pensar em trabalhar essa área é entender a totalidade da Amazônia: distância, cultura e meio ambiente, é pensar de que forma pode ser trabalhado essas questões na escola, e principalmente, nas comunidades ribeirinhas, em que muitas pessoas não têm acesso a instituições de ensino.

#### 4 PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA ESCOLA

A escola é considerada o espaço primordial na aplicação das práticas educacionais. Para trabalhar com esse campo é necessário considerar alguns elementos que, segundo Soares (2014) são importantes:

Prever e planejar '\conjuntos de ações\', no contexto do plano pedagógico das escolas, e não ações isoladas; Todo planejamento deve ser participativo envolvendo todas as pessoas envolvidas como agentes ou beneficiárias das ações; As relações de comunicação devem ser sempre francas e abertas; O objetivo principal é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo (Ibid., p.1).

Ao planejar ações no contexto pedagógico, a escola precisa agregar três âmbitos específicos da prática educativa: gestão escolar, disciplinar e transdisciplinar. Soares (2011), informa que o âmbito da gestão escolar identifica e revê práticas comunicativas que caracterizam e norteiam a relação direção, professores e aluno no ambiente educativo. O âmbito disciplinar sugere que a comunicação, enquanto linguagem, se transforme em conteúdo disciplinar, e o âmbito transdisciplinar propõe que os docentes usem a linguagem midiática para aprofundar seus conhecimentos e traçar estratégias educacionais.

Ao desenvolver projetos educacionais na escola, a relação educador e educando tende a se fortalecer, além de promover autoestima para os envolvidos. Com essa prática se tornando constante, há uma disseminação de conhecimento dentro e fora do âmbito escolar.

O papel da escola, na visão de Orozco (2002), é orientar os educandos sobre como utilizar os meios de comunicação para fins de aprendizado.

A escola preservará sua função como a instituição educativa principal, só na medida em que for capaz de orientar os diversos aprendizados dos seus estudantes. Aprendizados que têm lugar dentro e fora dela, sobretudo e cada vez em maior proporção, estimulados pelos novos meios e tecnologias de informação existentes, tanto dentro dos sistemas educativos, quanto por aqueles que estão fora e são os meios e tecnologias com os quais cotidianamente interagem os sujeitos sociais (Ibid., p. 68).

Em uma nova perspectiva, a escola passa ser uma fonte de múltiplos conhecimentos e saberes. Assim sendo, Kaplún (1999) constata que o ensino deve dar condições para que o educando repasse o conhecimento apreendido.

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência

lingüística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo (Ibid., p.73).

Diante disso, o professor tem papel fundamental nesse processo de ensino-aprendizagem, pois é por meio dele que vão ser repassados os conhecimentos e orientações para os alunos, com o intuito de se obter os objetivos citados por Kaplún (1999).

A proposta educacional é que o sujeito educador se transforme em sujeito educacional, sendo assim, tem a função de nortear a utilização das tecnologias como método de ensino-aprendizagem na sala de aula.

O termo educacional é definido por Soares (2018d, p.1) como “o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo inter-relação Educação e Comunicação”. Portanto, as atividades desenvolvidas por estes profissionais incluem:

A implementação de programas de "educação para a comunicação", favorecendo ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação; O assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania (Ibid., p. 1).

O autor supracitado atribui três frentes para o papel do educacional: professor, consultor e pesquisador. Como professor, ele é responsável por desenvolver ações que utilizem de forma adequada a tecnologia, transformando-a em ferramenta de ensino-aprendizagem. Já o consultor tem a função de assessorar órgãos governamentais e não governamentais que apresentam projetos que envolvam ações com mídias, no âmbito do ensino não formal. Ao passo que o pesquisador precisa estar constantemente em busca do conhecimento no campo da comunicação.

No entendimento de Soares (2011, p. 9), “não se trata, pois de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação não para a comunicação”.

Assim é necessário adotar políticas que facilitem a formação desse novo docente-educacional. No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) já disponibiliza a especialização em Mídias na Educação, cujo objetivo é proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação.

As práticas educacionais, de acordo com Soares (2000), podem ser desenvolvidas tanto por meio de programas escolares formais, quanto por meio de ações não

formais de educação, como por exemplo, nas emissoras de rádio e televisão educativas e nas editoras de matérias didáticos.

O Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Mais Educação, propõe que sejam adotadas metodologias e técnicas educacionais na escola.

O Mais Educação, por meio da Comunicação e Uso de Mídias, é um instrumento importante de flexibilização do currículo e de capilarização de uma proposta interdisciplinar. A verdadeira transformação e diferença que a Comunicação e Uso de Mídias pode fazer no ensino-aprendizagem é se essas tiverem na sua essência esse fazer; trata-se do grande diferencial dessas práticas (BRASIL, 2013, p.19).

Dessa forma, o MEC apresenta em seu Manual de Comunicação e Uso de Mídias, caminhos de como se utilizar os recursos midiáticos no processo educativo nas instituições de ensino regular no Brasil.

#### 4.1 AS MÍDIAS COMO RECURSO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

As mídias são importantes ferramentas utilizadas nas práticas educacionais. Elas são divididas basicamente em três categorias: mídias impressas, eletrônicas e digitais. Nas mídias impressas temos o exemplo dos jornais e revistas; nas eletrônicas a televisão e o rádio e nas digitais a internet e o computador.

Conforme Orozco (2002, p. 66), “cada meio e cada tecnologia exercem uma mediação particular nas pessoas com as quais interatuam e na estruturação dos próprios conteúdos que transmitem”. Em vista disso, para que as mídias sirvam para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem é preciso entender as funções que elas desempenham, assim como trabalhar as características de cada uma.

As mídias mais utilizadas pela sociedade são a televisão e o rádio. Esses meios de comunicação se tornam um instrumento indispensável quando se trabalha com a educação, pois disseminam informações para qualquer lugar.

Nos vários projetos que o NCE-USP tem assessorado ao longo dos últimos anos, seus mediadores aconselham os professores e estudantes das escolas servidas por suas assessorias a optarem pela área de intervenção mais conveniente para solucionar um problema específico, detectado pela comunidade; seja este um foco de indisciplina, a necessidade de aprofundamento num tópico do programa didático ou, simplesmente, o desejo de apurar o gosto estético, dando vazão à expressão comunicativa dos estudantes (SOARES, 2011, p. 64).

O NCE/USP apresenta projetos voltados para as duas áreas que mais impactam na sociedade, o rádio e a televisão, com o intuito de trazer soluções para os assuntos retratados. O projeto Educom.rádio trabalha com escolas de ensino fundamental e o Educom.TV capacita professores para trabalhar com audiovisual.

O uso das mídias como práticas educacionais nas escolas do Brasil, conforme o Manual de Comunicação e Uso de Mídias do MEC, podem ser realizadas a partir de oficinas que incluam meios como: jornal, rádio, vídeo, fotografia e histórias em quadrinhos.

Nas escolas, essas oficinas possibilitam que o aluno amplie seus conhecimentos, além de permitir um trabalho interdisciplinar. Ainda de acordo com o manual, o jornal permite o exercício do texto escrito que pode ser integrado com a produção de quadrinhos, o vídeo possibilita a desconstrução e a recriação da linguagem da televisão presente na vida dos estudantes, o rádio exercita a linguagem oral e a fotografia trabalha a imagem da sociedade.

Quanto aos temas referentes à produção de conteúdo, o MEC incentiva trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar e que se enquadrem nas outras possibilidades educativas oferecidas pelo Programa Mais Educação: Práticas escolares; Educação Ambiental; Direitos Humanos em Educação; Cultura e Artes; Cultura Digital; Promoção da Saúde; Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica.

#### **4.1.1 O vídeo como ferramenta de ensino-aprendizagem**

O vídeo é um recurso audiovisual que está presente no cotidiano de alunos e professores através da internet, redes sociais e na televisão como comunicação de massa. É uma importante ferramenta pedagógica, pois vincula som e imagem permitindo um ensino aprendizagem completo.

Moran (1995) defende que o vídeo permite a aproximação da sala com o cotidiano, com as linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, além de ser um atrativo para os alunos.

Vídeo significa também uma forma de contar multilinguística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, mais próxima da sensibilidade e prática do homem urbano e ainda distante da linguagem educacional, mais apoiada no discurso verbal-escrito (Ibid., p. 28).

O vídeo e a TV permitem a comunicação com todas as pessoas, desde crianças até adultos. Elas apresentam linguagem de fácil acesso, além de permitir o recurso de visualizar o



que se ouve. Dessa maneira, o vídeo está atrelado à televisão e a um contexto de entretenimento, por isso, é considerado uma ferramenta atrativa para o aluno dentro da sala de aula.

Na compreensão de Moran (Ibid., p. 29), “a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo”.

A linguagem audiovisual permiti que o receptor compreenda o conteúdo retratado e desenvolva opiniões, estabelecendo assim, um diálogo com a sociedade.

No início do século XXI, aprender a ler os textos audiovisuais e os hipertextos é condição indispensável da vigência e do futuro dos livros – só se os livros nos ajudarem a nos orientar no mundo das imagens, o tráfico de imagens nos fará sentir a necessidade de ler os livros – e parte de um direito cidadão fundamental: o direito a participar crítica e criativamente na comunicação cidadã (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 57).

O autor destaca a importância de a sociedade aprender a ler textos audiovisuais em virtude do tempo de convergência em que se vive atualmente. Na escola, o professor se torna a fonte para ensinar os alunos a compreenderem materiais audiovisuais. Desse modo, é necessário promover a análise, estimular a reflexão e fundamentar a interpretação das mensagens que o material transmite.

A formação de docentes-educomunicadores, que saibam como aplicar a metodologia do vídeo na sala de aula é primordial para a utilização correta com fins educativos. O projeto Educom.TV, iniciativa dos educadores do NCE/USP trabalha nessa perspectiva.

O objetivo do projeto, segundo Soares (2003, p.110), “foi levar os cursistas a compreenderem o conceito de educomunicação e de suas práticas, a partir da análise da produção e uso da linguagem audiovisual em sala de aula”.

De acordo com o Manual de Comunicação e Uso de Mídias do MEC (2013), na utilização do vídeo como recurso didático existem dois modos essenciais de se trabalhar: o vídeo como produto e o vídeo como produção.

Ao levar o vídeo para sala de aula, o professor pode usá-lo como produto, contemplando com seus alunos a dimensão da recepção (os jovens na posição de consumidores do audiovisual). Também, é possível usar o vídeo como processo, contemplando a dimensão da produção (quando meninos e meninas realizam vídeos). Também, é possível articular as duas modalidades num mesmo processo ou projeto pedagógico (Ibid., p. 58).

O audiovisual tem um grande poder de mobilização. Ao trabalhar a ferramenta como produto, o professor precisa abordar assuntos que despertam a curiosidade dos alunos e o debate na sala de aula.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços (MORAN, 1995, p. 28).

No entendimento do autor, o vídeo precisa apresentar: sensibilização, que facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o tema, ilustração e simulação como forma de mostrar o que é ensinado por meio da aula e de livros e por fim, vídeo como conteúdo de ensino que apresenta direta ou indireta o assunto.

O vídeo como processo contempla a produção feita por alunos e professores como recurso didático. E para que seja elaborado esse trabalho, é preciso que os envolvidos escolham um tema, montem o roteiro, realizem as gravações e por fim editem o vídeo.

Para além dos conteúdos, o processo, em si, também ensina. A produção do audiovisual pressupõe a organização de uma equipe, favorecendo o aprendizado do trabalho em grupo. Da localização dos entrevistados à gestão dos recursos disponibilizados pela escola (equipamentos, espaços físicos...), os jovens estarão exercitando o raciocínio lógico e sua capacidade de solucionar problemas. Em cada etapa da produção há espaço para o desenvolvimento de competências (BRASIL, 2013, p. 61).

A produção é um método enriquecedor para o aprendizado do aluno, pois é uma experiência atrativa e instigante. O vídeo, na compreensão de Moran (1995), pode ser produzido dentro de uma determinada matéria ou dentro de um trabalho interdisciplinar.

A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos (Ibid., p. 31).

O vídeo produzido na escola apresenta uma profundidade de assunto muito pequena por se tratar de temas que envolvam mais escolas ou pelo recurso disponível como câmeras. Apesar das limitações apresentadas, ele é uma importante ferramenta pedagógica, visto que possibilita o envolvimento do aluno na temática escolhida.

Quando se trata do vídeo como produto, o professor ao trabalhar com vídeos de sensibilização, precisa escolher materiais que tenham assuntos que precisam ser debatidos, e, sobretudo, que o material apresente o tema com clareza e detalhes.

Um dos gêneros existentes nos audiovisuais e que é produzido com mais detalhes de informações, é o documentário. Esse gênero é considerado um material jornalístico.

Literalmente os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social (NICHOLS, 2012, p. 27).

Na observação do autor, o documentário intervém mais ativamente de modo a conquistar consentimento ou influenciar opiniões. Desse modo, utilizar o vídeo documentário na sala de aula como processo de ensino, é poder explorar diferentes formas da problemática apresentada, além de gerar reflexão nos alunos.

Sob o nosso referencial, os melhores vídeos enquadráveis na categoria supra-analisada são aqueles que estimulam a leitura dos problemas enfocados em sua diversidade e complexidade. Além disso, não buscam oferecer uma explicação pronta sobre eles, mas, sim ao documentar diferentes olhares, auxiliam a compreensão abrangente da problemática que os contém. Ou seja, visam produzir uma reflexão crítica consequente no espectador, seja com autonomia, seja com o acompanhamento de um educador (TASSARA; SORRETINO; TRAJBER, 2001, pp. 39-40).

Materiais audiovisuais apresentam um papel essencial na informação e educação tanto na escola quanto na sociedade. Tratar temas relevantes, como poluição, pobreza, saúde, por meio de material audiovisual, trazem uma carga emocional para o aluno, fazendo-o analisar e refletir sobre diversos problemas.

O vídeo e o filme documentário constituem uma tradição que tem abordado exatamente esse ponto, de maneira às vezes imperfeita, às vezes eloquente. Eles avançam em relação a todo o trabalho que foi feito antes, abordando questões, examinando situações, envolvendo os espectadores de forma as quais continuarão a instruir e agradar, comover e convencer. Sua história pertence ao futuro e aos esforços que ainda estão por vir e que ampliarão a tradição existente enquanto se esforçam para levar a cabo o mundo que ainda temos de criar (NICHOLS, 2012, p. 209).

O documentário é um gênero engrandecedor por apresentar o compromisso da exploração da realidade, além de chamar a atenção do espectador, permitindo assim, um olhar diferenciado para o mundo em que se vive.

#### 4.2 TEORIA FUNCIONALISTA DA COMUNICAÇÃO: A FUNÇÃO DAS MÍDIAS NO ÂMBITO SOCIAL

A televisão é um *mass media* eficaz para disseminar informações para qualquer esfera da sociedade, através dessa mídia, é possível acompanhar conteúdos audiovisuais. A expressão *mass media*, conforme McQuail (2003, p. 4), é uma abreviatura com a finalidade de “descrever os meios de comunicação que operam em grande escala, atingindo e envolvendo virtualmente todos os membros de uma sociedade em maior ou menor grau”.

Os meios de comunicação são de âmbito social e familiar, como jornais, revistas, filme, rádio, televisão e música gravada. Cada mídia exerce sua função dentro de uma sociedade, é essa relação é estudada na Teoria Funcionalista. Na visão de Araújo (2011, p.122), essa teoria “aborda hipóteses sobre as relações entre os indivíduos, a sociedade e os meios de comunicação de massa”.

A teoria funcionalista dos *mass media*, no entendimento de Wolf (1985), é constituída essencialmente por:

Uma abordagem global aos meios de comunicação de massa no seu conjunto; é certo que as suas articulações internas estabelecem a distinção entre gêneros e meios específicos, mas acentua-se, significativamente, a explicitação das funções exercidas pelo sistema das comunicações de massa (Ibid., p. 25).

A Corrente Funcionalista faz parte do estudo do *mass communication research*, que representa um momento de transição dos estudos dos efeitos dos meios de comunicação para o estudo das funções dos mesmos. Dessa maneira, a teoria investiga a problemática das mídias de massa a partir do ponto de vista da sociedade e da contribuição que as mídias dão a esse funcionamento.

A função dos media pode referir-se ao mesmo tempo às suas tarefas mais ou menos objectivas (como as notícias e os editoriais) e aos propósitos ou utilidades como são percebidos pelos seus utentes (como ser informado ou entretido) (MCQUAIL, 2003, p. 83).

As funções dos meios de comunicação são definidas por um dos principais estudiosos da teoria, o sociólogo Harold Lasswell, que destaca a função de vigilância, de correlação das partes da sociedade e de transmissão da herança cultural. As funções de vigilância correspondem à informação, de correlação refere-se à integração e a de herança cultural é educativa.

Do mesmo modo, Charles Wright apresenta uma teoria para estabelecer a relação entre os *mass media* e a sociedade:

O «inventário» das funções relaciona-se com quatro tipos de fenómenos comunicativos diferentes: a. a existência do sistema global dos mass media numa sociedade; b. os tipos de modelos específicos de comunicação ligadas a cada meio de comunicação particular (imprensa, rádio, etc.); c. a ordem institucional e organizativa em que os vários mass media operam; d. as consequências que derivam do facto de a principal actividade de comunicação se desenvolver através dos mass media (WRIGHT, 1995 apud WOLF, 1985).

Na análise de Wright, a relação *mass media* e sociedade pode haver funções e disfunções, sendo estas podem ser latentes ou manifestas. O autor apresenta as mesmas funções apresentadas por Lasswell, no entanto, acrescenta a função recreativa que significa utilizar os meios de comunicação para entretenimento.

No âmbito social as mídias exercem diversas funções, McQuail (2003, p.83) fez um parâmetro dos estudos dos teóricos da área e definiu que os meios de comunicação são essenciais na sociedade para: “integração e cooperação; ordem, controle e estabilidade; adaptação à mudança; mobilização; gestão de tensão; continuidade da cultura e dos valores”.

Em relação à educação por meio das mídias, Lasswell e Wright definiram que os meios exercem essa função por meio da herança cultural. Na verdade, pode-se dizer que a educação deve ser considerada a principal função. Por meio das mídias, a sociedade pode absorver conhecimento e dialogar entre si, gerando assim, um processo de educação permanente. Freire (2017, p.95) salienta essa preposição ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Mcquail (1985) considera a televisão como o meio mais massivo em termos de alcance por conter uma vasta difusão, apresentar conteúdo audiovisual e diversificado, além de ser de carácter nacional e internacional.

É considerada a principal fonte de notícias e de informação para muitas pessoas e o principal canal de notícias e de informação entre políticos e cidadãos, especialmente em tempo de eleições. Neste papel de informador público, a televisão tem-se

mantido geralmente credível e de confiança. Outro papel é o de educador - para crianças na escola e para adultos em casa (Ibid., p. 27).

O autor enfatiza a televisão como a principal fonte de notícias e informações, apresentando credibilidade para as pessoas e, sobretudo, desempenhando o papel de educador de crianças e adultos. Freire (2017) complementa ressaltando a importância de se discutir o papel desempenhado pela televisão no âmbito social, especificamente na escola.

Dessa maneira, trabalhar com materiais audiovisuais dentro da sala de aula é permitir o debate de questões abordadas pela mídia, provocando reflexão no aluno, e consequentemente, no adulto.

## **5. JORNALISMO AMBIENTAL E EDUCOMUNICAÇÃO COMO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL**

O jornalismo tem como papel principal levar informações para a sociedade, e é por meio dos *mass media* que ele cumpre essa função. Essa área aborda diversas temáticas, entre eles, a ambiental. A partir da compreensão de Bueno (2007) o Jornalismo ambiental é definido como um “processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”.

O Jornalismo ambiental contempla várias mídias ou ambientes (jornais, revistas, rádio, televisão, sites, newsletters, etc.) e, como as demais manifestações jornalísticas, caracteriza-se pelos atributos da atualidade e periodicidade. A cobertura jornalística ambiental pode estar inserida num veículo ao lado de outras coberturas (como ocorre basicamente nos jornais e revistas de informação geral ou nos programas de rádio e televisão), mas também pode ser o foco exclusivo de uma publicação, como acontece nas chamadas mídias ambientais (Ibid., p. 35).

Ainda de acordo com o autor, o Jornalismo ambiental desempenha três principais funções: informativa, pedagógica e política. A função informativa tem como objetivo informar os cidadãos dos principais temas que abrangem a questão ambiental considerando assuntos do dia a dia, como poluição, e os impactos que elas causam sobre o meio ambiente. A função pedagógica está relacionada à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais. E a função política tem a ver com a mobilização dos cidadãos frente ao agravamento dos problemas ambientais.

Compreendemos, deste modo, que em jornalismo ambiental tudo é informação, incluindo o próprio ambiente, o espaço e as diferentes manifestações que abriga. Este pressupõe uma prática que, partindo do tema ecológico, englobe os vários matizes nos quais este tema se desdobra, suas diversas tematizações possíveis, nas quais o jornalismo fala das e deixa falar as diferentes vozes (GIRARDI et al., 2012, p. 148).

Dessa maneira, o Jornalismo ambiental se torna primordial na divulgação de informações, englobando questões ambientais de vários pontos de vista, propiciando assim, a discussão do assunto.

Tendo em vista esse posicionamento, Freire (2017) salienta que o trabalhar com temas geradores, ou seja, que se encontram presentes na vida das pessoas e que apresentam múltiplas abordagens, dentro da educação, permiti uma apreensão e desenvolvimento do senso crítico. A mesma proposta pode ser incorporada no Jornalismo pelo seu potencial de percepção da realidade e suas múltiplas abordagens.

Em suas conclusões Girardi et al. (2012, p. 148) constata que “o jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena”.

Ao noticiar uma questão ambiental, como por exemplo, a poluição de rios, é importante que seja apresentada na informação a causa e que principalmente gere uma reflexão por parte dos cidadãos. Nos problemas ambientais o Jornalismo não apenas deve noticiar, mas sim, causar uma conscientização ou apresentar soluções para tal problema.

A função pedagógica do Jornalismo, na percepção de Bueno (2007), deve indicar caminhos que incluam necessariamente a participação dos cidadãos para a superação dos problemas ambientais.

O Jornalismo ambiental, como o saber ambiental, não diz respeito apenas a questões complexas, que reclamam tecnologias de última geração, mas incorpora soluções simples, de dimensão local. Ele tem a ver com o dia-a-dia das pessoas e, na verdade, só faz sentido quando as inclui no debate, quando possibilita e promove a sua participação no processo de tomada de decisões (Ibid., p. 37).

O Jornalismo ao abordar questões ambientais que gerem debate, conscientização e apresentem soluções, está trabalhando uma educação ambiental na sociedade. A divulgação de dados e a formação de uma consciência pública em relação às questões ambientais é um dos objetivos legitimados na Lei Federal n. 6.938 que dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente.

Ainda de acordo com a lei, a educação ambiental foi considerada fundamental para “todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente” (BRASIL, 1981).

No âmbito social, as mídias ajudam no papel de disseminar a proposta da educação ambiental. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental cabe “aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação” (Id., 1999).

O jornalista ambiental (e é isso que precisa ser trabalhado nas escolas e nas redações junto aos profissionais de imprensa do futuro) tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa conduz, inevitavelmente, à capitulação (BUENO, 2007, p. 36).

Em sua citação, o autor evidencia o compromisso que os jornalistas devem ter frente a questões ambientais na sociedade. Além disso, em outra afirmação, Bueno (2007) enfatiza também o papel da sociedade como auxiliadora nesse processo.

As fontes no jornalismo ambiental devem ser todos nós e sua missão será sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente (Ibid, p. 36).

No espaço escolar, a perspectiva de uma educação ambiental se torna mais eficaz, por se trata de um lugar que trabalha com a educação de maneira geral. Dessa forma, é necessário que a escola esteja preparada para trabalhar com ações ou programas voltados para essa questão.

## 5.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NO ÂMBITO ESCOLAR

A Educação Ambiental (EA) tem como objetivo formar e preparar cidadãos para conscientização acerca dos problemas ambientais. Em sua definição, conforme informa Guimarães (2013), a educação ambiental é um campo de conhecimento em construção e que se desenvolve na prática cotidiana de alunos e professores.



A EA apresenta-se como uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que contemple as aspirações populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e em um mundo ambientalmente sadio (Ibid., p. 14).

Como apresenta o autor, a EA é um processo educativo que tem como responsabilidade formar cidadãos preocupados com problemas ambientais e que busquem soluções para as questões. A legislação que normatiza a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999) definiu o termo como:

Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Ibid., 1999).

Ainda de acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental todos têm direito a educação ambiental, cabendo ao poder público, instituições educativas, órgãos integrantes ao Sistema Nacional de Meio Ambiente, meios de comunicação, empresas e a sociedade como um todo desenvolver ações para solução de problemas ambientais.

No âmbito escolar, deve ser promovida a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que apresentam, “o desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à incorporação da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis e modalidades de ensino” (Ibid., 1999).

Em razão de tudo isso, a EA tem o papel importante de fomentar a percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente. Uma relação harmoniosa, consciente do equilíbrio dinâmico da natureza, que possibilite, por meio de novos conhecimentos, valores e atitudes, a inserção do educando e do educador como cidadãos no processo de transformação do atual quadro ambiental do nosso planeta (GUIMARÃES, 2013, p. 15).

Para possibilitar a inserção do educando e do educador como cidadãos comprometidos na transformação das problemáticas ambientais, é necessário que a escola desenvolva projetos voltados para uma educação ambiental. Algumas ações com esse propósito podem ser executadas em sala de aula, entre elas, trabalhar o meio ambiente de forma interdisciplinar e utilizar o recurso da Educomunicação.

A Educomunicação é considerada uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) do Ministério do Meio Ambiente (MMA), e tem como objetivo proporcionar meios interativos e democráticos para que a sociedade possa produzir

conteúdo e disseminar conhecimentos, através da comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade.

O propósito da Educomunicação, conforme o MMA é:

Estimular e difundir a comunicação popular participativa no campo da Educação Ambiental brasileira, com o fim de fortalecer a ação educadora coletiva pela sustentabilidade; Contribuir para a elaboração e a implementação de uma Política Nacional de Comunicação e Informação Ambiental (BRASIL, 2018, p.7).

O documento ainda cita um termo novo, mas que está ganhando cada vez espaço: a Educomunicação Socioambiental. De acordo com o MMA, esse termo é definido como:

Conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza (Ibid., p. 10).

A Educomunicação Socioambiental, ainda de acordo com o documento do MMA, apresenta os seguintes compromissos: diálogo permanente e continuado; interatividade e produção participativa de conteúdos; transversalidade; encontro com diálogo/saberes; proteção e valorização do conhecimento tradicional popular; democratização da comunicação e acessibilidade à informação socioambiental; direto à comunicação e compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana.

Na análise de Soares (2011) as diretrizes apresentadas pelo documento estão em conformidade com os objetivos defendidos pelo NCE/USP, visto que destaca as dimensões do campo da Educomunicação, propondo práticas socioambientais.

No espaço escolar, as ações voltadas para a Educomunicação Socioambiental incluem a articulação de ecossistemas comunicativos com a interação dialógica entre professor e aluno sobre alguma questão do meio ambiente. Essa discussão pode iniciar por meio de recursos midiáticos ou usá-los como base. Além disso, também abrange produção interativa e participativa em mídias de massas que significa criar e conduzir conteúdos de cunho midiático sobre assuntos ambientais, nesse caso, não há mais teoria e sim a prática.

Citelli e Falcão (2015) ressaltam que a interface Comunicação e Educação contribuem para melhorar a compreensão da temática do meio ambiente, uma vez que atribuem competências que detalham o conhecimento.

Uma abordagem educacional bem planejada poderia redirecionar os fluxos de educação ambiental em circulação tanto nos dispositivos midiáticos quanto nas escolas e demais instituições/entidades/instâncias em que essa comunicação ambiental se realiza. O esforço permitiria reverter certa dinâmica maquiavélica que atravessa as apropriações das ofertas comunicativas recebidas diariamente (Ibid., p. 23).

Dessa maneira, ao trabalhar com a Educomunicação e o meio ambiente na sala de aula, é preciso que a escola pense em temas que precisam de uma conscientização por parte da sociedade, por exemplo, o descarte de lixo e a poluição. Em vista disso, o educando aprende, muda suas atitudes e, além de tudo, passa ser disseminador do conhecimento.

No trabalho de conscientização, Guimarães (2013, p. 31), pontua que educar não é só a transmissão de conhecimento entre professor e aluno, “é permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade”, desse modo, incentivando reflexões que vão culminar em novas atitudes.

Para vivenciar as contradições existentes na realidade, realizar a potencialidade do ser por meio das relações políticas, sociais e com o meio ambiente, é que se faz necessário em um processo de EA associar a atitude reflexiva com a ação, a teoria com a prática, o pensar com o fazer, para realizar um verdadeiro “diálogo”, como bem define Paulo Freire e sua proposta educacional (Ibid., p. 32).

Conforme cita o autor, para se obter uma educação ambiental é imprescindível associar a ação com a reflexão dentro da sala de aula. Os recursos midiáticos são considerados fontes importantes nesse processo, especificamente, o meio audiovisual como sendo o recurso mais rico por apresentar som e imagem.

Em um processo educativo dialógico e aberto, a recepção de materiais audiovisuais voltados para a educação ambiental deve estar envolvida em um clima de debate para produzir a participação fundamental e ativa dos aprendizes, individual e coletiva, subjetiva e objetiva (TASSARA et al., 2001, p. 44).

Materiais audiovisuais transmitem a realidade acerca do problema, facilitando a apreensão, discussão e uma reflexão para quem está assistindo. Ao associar questões ambientais com práticas educacionais que trabalhem esse tipo de material é pensar, sobretudo, em uma educação ambiental permanente na sociedade.

À vista disso, incluir projetos que trabalhem esses dois campos na escola é permitir que os alunos, assim como também professores, tenham acesso ao conhecimento que os instrua para enfrentar os problemas ambientais da sua cidade.

## 6. METODOLOGIA

Este projeto tem o propósito de contribuir no processo de educação ambiental nas escolas, visando à formação dos alunos. Neste sentido, para o seu desenvolvimento foi utilizado o método qualitativo com duas etapas de pesquisas.

Ressalta-se que o estudo qualitativo, na compreensão de Marconi e Lakatos (2017), desenvolve-se naturalmente, oferecendo riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada. Dessa forma, esse tipo de método preocupa-se mais com o processo, permitindo uma melhor compreensão do assunto.

Como foi citado anteriormente, este trabalho apresenta duas etapas de pesquisas. A primeira baseou-se em pesquisa bibliográfica baseada em autores que norteiam seu estudo na educomunicação e suas práticas, na linguagem audiovisual (vídeo e documentário), no jornalismo e na educação ambiental, além da teoria funcionalista serviu de embasamento e aplicação teórica da comunicação neste projeto.

Além disso, também foi realizada na primeira etapa, a pesquisa documental que resulta em dados ou informações reunidas e organizadas sobre a temática em documentos oficiais, relatórios técnicos, dados estáticos, reportagens, sites, imagens e documentários.

Em um sentido amplo, pesquisa bibliográfica é definida como:

Planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2012, p. 51).

Por meio da pesquisa bibliográfica foi obtido o primeiro contato com a temática, e posteriormente a pesquisa documental veio para complementar o conhecimento teórico. Ambas muitas vezes são confundidas por apresentarem características parecidas, no entanto, Gil (2008 apud PRODANOV; FREITAS, 2008) destaca como principal diferença entre as duas, a natureza da fonte de ambas as pesquisas.

A primeira etapa do trabalho foi dedicada às pesquisas, bibliográfica e documental, que foram fontes essenciais para a produção de quatro capítulos que compõem este trabalho. O primeiro aborda a aceleração social do tempo no espaço escolar, termo utilizado por Citelli (2017), para definir a mobilidade e rapidez com o uso das tecnologias na atualidade, trazendo mudanças no cotidiano escolar.

No segundo capítulo é apresentado o campo teórico-prático da Educomunicação e sua definição. Além disso, também é mencionado o estudo do campo na região norte do país. Já no terceiro são abordadas as práticas educacionais no ambiente escolar, incluindo ações, papel do professor como mediador e formas de se trabalhar com as tecnologias, especificamente o vídeo.

Por fim, o quarto capítulo trata do Jornalismo Ambiental como fonte de informação para a sociedade, mas também questiona o seu papel educativo na formação da sociedade. Arelado a esse processo, foi abordado a educomunicação no ambiente escolar com o objetivo de ajudar na conscientização dos alunos por meio de recursos midiáticos.

Na segunda etapa de pesquisa, foram realizadas as duas principais abordagens qualitativas e que delinearão a realização do documentário. A pesquisa etnográfica e a pesquisa-ação.

A pesquisa etnográfica, na observação de Marconi e Lakatos (2017), tem como objetivo descrever o entendimento e o conhecimento compartilhado pelos integrantes de um grupo. Dessa forma, a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador, que para conseguir seus objetivos, utiliza técnicas apresentadas por esse tipo de pesquisa.

Para a produção deste produto, a técnica etnográfica utilizada foi à entrevista em profundidade. No entendimento de Duarte (2012), esse tipo de entrevista trata-se de uma:

Técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir termos da resposta e ao entrevistado ajustar livremente as perguntas (Id., 2012, p. 62).

Conforme cita o autor, a entrevista permitiu recolher respostas a partir de informações obtidas pelas fontes. Durante este trabalho, utilizamos essa técnica como forma de explicar o descarte inadequado de lixo e suas possíveis soluções.

Para alcançar esse objetivo, as entrevistas foram realizadas com fontes especialistas do meio ambiente, representantes de instituições, população em geral e representantes da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira.

Para todas as entrevistas, foi utilizado um roteiro em torno de 1 a 5 perguntas (em apêndice) que nos deu base para colher as informações necessárias. Esse tipo de entrevista é definida por Duarte (2012) como semi-aberta. Segundo o autor, o pesquisador cria um roteiro, mas é livre para acrescentar outras questões conforme a necessidade da entrevista.

A outra abordagem realizada na produção do documentário incluiu a pesquisa-ação com os alunos da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira. Esse tipo de pesquisa tem como uma das suas características a contribuição das fontes na pesquisa, ou seja, eles participam do processo.

É um tipo de pesquisa social com base empírico que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLENT, 2003 apud PERUZZO, 2016).

De acordo com a citação, a pesquisa tem o intuito de solucionar um problema no qual estão inseridos o pesquisador e o grupo. Dessa forma, ambos se envolvem de forma cooperativa. Peruzzo (2016) enfatiza que os resultados e o processo da pesquisa revertem em benefício coletivo, pois servem de incentivo para o encaminhamento de soluções demandadas.

Neste contexto, durante o tempo em que ficamos na escola, os alunos sabiam por quais motivos estávamos no ambiente deles e nos ajudaram na composição do documentário. As oficinas de papel reciclável, de reutilização de pneu e a composição da horta foram apresentadas por eles em que contaram as etapas e a importância para a sua vida e para o meio ambiente.

Todas as pesquisas citadas e que compõe a metodologia deste trabalho, foram realizadas em Macapá, durante o período de setembro de 2017 a fevereiro de 2018.

## 6.1 PRÉ-PRODUÇÃO: LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES E DADOS

A escolha do tema foi realizada após verificarmos, por meio das mídias, que os problemas ambientais são pouco evidenciados. Diante desse contexto, no primeiro momento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa exploratória sobre o descarte inadequado de lixo. Essa pesquisa teve como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, facilitando o seu delineamento.

As técnicas utilizadas durante a pesquisa exploratória contemplam o levantamento de informações e dados referente à poluição no Brasil e em Macapá, obtidos por meio de sites, blogs e vídeos disponibilizados na internet. Breve levantamento bibliográfico com a temática de meio ambiente, educação e documentário. Por fim, entrevista com o especialista e professor de Psicologia do Instituto Macapaense de Melhor Ensino Superior (IMMES), Vinicius Caxias, onde foi tratado a ideia de trabalhar o documentário nas escolas. A entrevista

nos conduziu para a escolha das crianças como público alvo, que segundo o especialista, é mais fácil de educar por ainda estar em formação.

A partir desse embasamento, foi iniciada a pesquisa bibliográfica que compõe a primeira etapa deste trabalho. Os principais referenciais teóricos utilizados nessa pesquisa foram os estudos de Citelli (2017), Martín-Barbero (2000; 2014), Soares (2000; 2011), Moran (1995), Nichols (2012), McQuail (2003), Bueno (2007) e Guimarães (2015).

Os conteúdos foram obtidos em livros disponibilizados na Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), empréstimos cedidos pelo nosso orientador e colegas de curso, arquivos baixados em PDF e *E-book*, além disso, também foi utilizado artigos dos autores disponibilizados em revistas e sites.

Na pesquisa documental os arquivos empregados contribuíram para o processo da educação e meio ambiente. Dessa forma, foram utilizados o Manual de Comunicação e Uso de Mídias do Ministério da Educação, o documento do Programa Nacional de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente e as leis que regem a Política Nacional de Meio Ambiente e de Educação Ambiental. Tais informações contribuíram na construção no referencial teórico.

As referências levantadas para a composição do produto consistem em imagens, reportagens, vídeos e documentários pesquisados no *Google* e obtidos por meio de sites e *Youtube*. Os dados estatísticos e relatórios técnicos sobre o quantitativo de lixo em Macapá foram disponibilizados pela Secretaria Municipal de Manutenção Urbanística (SEMUR). As informações sobre projetos voltados para essa temática foram obtidas no site da Prefeitura de Macapá. Outros dados de poluição relacionados ao Brasil e mundo foram alcançados através de pesquisa na internet.

Além disso, também foi realizada visita na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) com o intuito de conhecer quais escolas trabalham com a educação ambiental. Na ocasião, a responsável pelo setor de educação e meio ambiente, Eliana Costa, nos indicou três principais escolas municipais: Professor José Leoves Teixeira, Antônio Barbosa e Goiás. Após visita nas instituições, escolhemos a Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira como modelo de educação ambiental para compor nosso documentário.

## 6.2 DELINEAMENTOS DO PRODUTO

O produto deste trabalho é um documentário televisivo intitulado *Lixo: um grito pelo meio ambiente* com duração de 31 minutos e 9 segundos, dividido em três blocos. O primeiro, *Uma realidade de todos nós*, aborda a temática do mundo, Brasil e Macapá falando da questão do lixo de uma maneira geral, o segundo bloco chamado *O caminho do lixo em Macapá* é voltado para o problema na cidade, onde é retratada a falta de conscientização das pessoas e a ausência de projetos que podem contribuir nessa questão. E por fim, o bloco *Conscientizando geradores de lixo* apresenta sugestões para trabalhar com o lixo na escola em um processo de reciclagem.

A ideia de produzir este produto audiovisual surgiu com a necessidade de se trabalhar um gênero que transmita a realidade e facilite a apreensão. Dessa maneira, o documentário apresenta como sendo um gênero completo por possuir som e imagem. Nichols (2012, p. 98) enfatiza essa relação, ao afirmar que os documentários “oferecem a experiência sensual de sons e imagens organizados de tal forma que passam a representar algo mais do que meras impressões passageiras”.

Este produto é classificado como um documentário expositivo, que na definição de Nichols (2012) é compreendido como um modo ideal para transmitir informações e mobilizar apoio dentro de uma estrutura que existe antes do documentário. Em outras palavras, esse tipo de documentário tem o intuito de tratar questões da realidade de quem assiste.

Tendo em vista isso, o documentário *Lixo: um grito pelo meio ambiente* apresenta as características de um modo expositivo por retratar o problema ambiental da poluição advindo de um descarte inadequado de lixo por parte da população. Ao mostrar essa questão, o documentário está levando informações e consequentemente gerando uma possível mobilização por meio das práticas educativas na escola.

## 6.3 PERSONAGENS

Os personagens têm um papel essencial no documentário, pois por meio deles, foi possível mostrar questões relacionadas ao problema e suas possíveis soluções. Esse tipo de abordagem é considerado por Puccini (2011) um encaminhamento e elucidação para qualquer assunto.

A abordagem com os personagens foi realizada por meio de entrevistas. A exploração desse recurso, na compreensão de Puccini, como principal ponto de sustentação da estrutura



discursiva do filme vem a ser uma das características do gênero documentário. Nesse contexto, as entrevistas foram divididas em quatro personagens principais: alunos; equipe pedagógica da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira; especialistas ambientais; representantes de instituições e população.

### **6.3.1 Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira**

A escola foi escolhida como modelo de educação ambiental, servindo de ambiente para o desenvolvimento do produto. A metodologia foi trabalhada por meio de oficinas recicláveis. Dessa forma, os personagens principais foram os alunos que participam dessas oficinas. Além disso, também foi entrevistado o professor e técnico ambiental que os acompanham e a diretora da escola.

Participaram do documentário 15 alunos que realizam as oficinas na escola. Eles fazem parte das turmas do Programa de Atendimento aos Alunos com Defasagem Idade e Série (Praadis).

Foi fundamental a participação destes alunos para mostrar um trabalho de educação ambiental nas escolas. No documentário, eles produzem e apresentam as etapas das oficinas de papel reciclável, reutilização de pneu e a horta.

O professor e técnico ambiental da SEMED, Ezequiel Amoras, era quem acompanhava os alunos. Em sua entrevista, ele explicou de que forma trabalha essas oficinas nas escolas e a importância na vida desses alunos. Por fim, a diretora da escola, Keila Moraes, explicou que as oficinas fazem parte de um projeto que aborda a temática ambiental na instituição.

### **6.3.2 Especialistas ambientais**

Para explicar os assuntos abordados no documentário, entrevistamos dois especialistas ambientais. Primeiramente, a especialista em educação ambiental e professora do curso de Curso de Ciências Ambientais da UNIFAP, Alzira Oliveira. E em seguida, foi realizado entrevista com especialista em resíduo sólido e professor do curso de Engenharia Ambiental da Universidade Estadual do Amapá (UEAP), Mariano Rocha.

Na entrevista com Alzira Oliveira foi abordada a Lei que dispõe a Política Nacional de Educação Ambiental, a definição desse termo, de que forma pode ser trabalhada no âmbito

social e escolar e a importância na vida de todos. Além disso, ela também abordou as oficinas apresentadas pelo documentário, ressaltando a sua relevância.

O professor e especialista em resíduo sólido, Mariano Rocha, em sua entrevista explicou primeiramente o processo de funcionamento de um aterro sanitário, que segundo ele, no Estado encontra-se de forma precária, pois não comporta o lixo de todos os municípios. Ressaltou que o problema do descarte inadequado de lixo é devido à falta de uma educação ambiental e de projetos que trabalhem com isso, como a reciclagem. De acordo com ele, para mudar esse quadro é necessário adotar políticas de conscientização ambiental por parte do governo, das escolas, das mídias e da população.

### **6.3.3 Representantes de instituições**

Como fonte representante do governo, foi entrevistado o ex-secretário de Meio Ambiente do Estado, Marcelo Creão. No momento que realizamos a entrevista ele estava deixando o cargo que desempenhou por três anos. Com este entrevistado foram abordadas as políticas públicas realizadas para o tratamento de resíduos sólidos e os projetos que trabalham com reciclagem.

Outro personagem que compôs essa parte do documentário foi o representante do aterro sanitário, Manoel Silva, ele explicou como é realizado o procedimento do lixo quando chega ao aterro.

### **6.3.4 População**

As entrevistas com a população foram realizadas com o intuito de pesquisa de opinião. Nesse contexto, foram abordadas perguntas que contextualizavam o descarte de lixo, poluição, conscientização e educação ambiental nas escolas.

Os personagens apresentados são estudantes e funcionários de instituições públicas e privadas. Além disso, realizamos entrevista com moradora e dona de casa do conjunto residencial Jardim Açucena sobre o projeto piloto de coleta seletiva implantado no local.

## 6.4 ORÇAMENTO

Para a realização deste produto, foi utilizado recurso financeiro das autoras. Os custos incluem filmagem, transporte, edição e outras despesas durante o processo de produção.

**Tabela 1 – Orçamento**

<b>DESPESAS</b>	<b>VALOR</b>
Filmagem (cinegrafista e equipamento)	R\$ 300,00
Combustível (gasolina comum) para veiculação	R\$ 200,00
Materiais para as oficinas na escola	R\$ 135,50
Gravação dos <i>off's</i> que compõem a narrativa	R\$ 40,00
Edição	R\$ 400,00
Arte Gráfica	R\$ 60,00
DVDs e capas	R\$ 7,80
Total	R\$ 1.143,30

Fonte: As autoras (2018)

As filmagens foram realizadas pelo jornalista e ex-aluno do curso de Jornalismo da UNIFAP, Daian Andrade. O valor remunerado refere-se a 13 dias de gravações, incluindo o trabalho do cinegrafista e o equipamento manuseado por ele.

Para realizarmos as gravações, utilizamos o veículo próprio para locomoção da equipe e do material. O valor foi considerado com base nas alterações do preço da gasolina entre R\$ 3,85 a R\$ 4,00 reais.

Durante o processo de produção durante as oficinas na escola municipal José Leoves Teixeira, nós tivemos despesas com os materiais que faltaram e lanches para os alunos. Na oficina de confecção de bloquinhos, compramos a cola branca PVA Extra no valor de R\$ 15,00. Para a produção de pufes foi comprado o material que reveste o pneu: Corino Bufalo (2,5 metros) a R\$: 22,50 e a Esponja D20 (1 metro) a R\$ 45,00. Para os lanches, foi gasto o valor de R\$ 53,00 reais.

Com o roteiro do documentário, verificamos a importância de se ter uma narração no produto que despertasse a atenção do público e que tivesse uma boa locução. Por esse motivo, escolhemos para gravar os *Off's* com a professora da rede estadual e acadêmica do curso de Jornalismo da UNIFAP, Jacimara Castro. O valor remunerado equivale à gravação de 16 *Off's*.

Para ilustrar o nome do documentário e os blocos, foram produzidas quatro artes pelo artista gráfico Danilo Anselmo. O valor corresponde à montagem dessas artes em um sentido que combine com a temática do documentário.

Como processo final do produto, foi realizada a edição do documentário pelo editor, João Alberto. O valor compensa o trabalho de edição por meio do programa e equipamento disponibilizado por ele.

## 6.5 GRAVAÇÕES

Para a produção deste documentário foram realizadas 13 gravações que ocorreram no período de 31 de outubro de 2017 a 15 de fevereiro de 2018. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada personagem. Os locais de gravação se concentraram em cinco pontos: Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira, UNIFAP e UEAP, Aterro Sanitário e em locais públicos.

Os recursos usados para a realização das gravações foram: Câmera Profissional Panasonic 3 MOS HD AVC CAM; Micro Cartão SD 32 GB; Microfone direcional (marca Sony); Microfone lapela; Gravador de áudio (marca Sony) e Tripé Profissional.

As filmagens iniciaram na Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira no período de 31 de outubro de 2017 a 21 de novembro de 2017, realizadas ao longo de três dias da semana, conforme o calendário escolar: terça, quarta e quinta-feira. A participação dos 15 alunos foi essencial nessa primeira parte, no entanto, nem todos compareciam em todos os dias. Além disso, devido os alunos serem menores de idade foi necessária a autorização de imagem assinada pelos responsáveis.

As outras filmagens foram compostas pelas entrevistas dos especialistas do meio ambiente, representantes das instituições, população, além de gravações feitas em locais públicos que mostram a cidade de Macapá e os locais que têm lixos.

Os planos de filmagem utilizados, em situação de entrevista, foram o plano médio e o *close-up*. Na visão de Puccini (2011), uma entrevista normalmente se inicia com um plano médio e com o avançar da conversa, principalmente em momentos mais importantes, adota-se o plano fechado ou *close-up*.

Nas gravações realizadas com o intuito de capturar o ambiente, foram utilizados o grande plano geral e o panorama que mostram a imagem de forma ampla. Para focar em um respectivo objeto, no caso os lixos nas ruas, foi utilizado o plano detalhe.

**Tabela 2 – Roteiro de Gravações**

Data	Gravação	Local
31/10/17 01/11/17 07/11/17	1ª oficina: Papel Reciclável.	Escola Municipal Prof. José Leoves Teixeira
08/11/17 14/11/17	2ª oficina: Confeção de Pufe. Início da 3ª oficina.	Escola Municipal Prof. José Leoves Teixeira
14/11/17 21/11/17	3ª oficina: horta com resto de alimentos da escola. Entrevista com o técnico ambiental Ezequiel Amoras e com a diretora da escola, Keila Moraes.	Escola Municipal Prof. José Leoves Teixeira
07/11/2017	Entrevista com o ex-secretário do Estado do Meio Ambiente (SEMA), Marcelo Creão.	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
15/11/2017	Filmagens de Macapá e de locais com lixos	Orla do Rio Amazonas e bairros da cidade de Macapá
22/12/2017	Entrevista com a especialista em educação ambiental e professora do curso de Ciências Ambientais, Alzira Oliveira.	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
17/01/2018	Entrevista com representante do aterro sanitário, Manoel da Silva; Hernan Oliveira, balanceador do aterro e com a catadora de lixo, Tereza do Nascimento. Imagens do local	Aterro Sanitário
18/01/2018	Entrevista com o especialista em resíduo sólido e professor do curso de Engenharia Ambiental, Mariano Rocha.	Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
09/02/2018	Pesquisa de opinião por meio de entrevistas com a população.	Locais públicos
13/02/2018	Imagens de lixo no carnaval: Bloco A Banda Imagens dos canais de Macapá .	Vias públicas e canal do bairro do Buritizal
15/02/2018	Entrevista para saber a respeito do projeto piloto de coleta seletiva implantando pela prefeitura.	Conjunto residencial Jardim Açucena

Fonte: As autoras (2018).

## 6.6 ROTEIRO

A escrita do roteiro foi considerada a peça chave na formação deste documentário. O processo de roteirização, na compreensão de Puccini (2011), significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim.

O primeiro momento da construção do roteiro consistiu em ordenar as ideias, de forma que todo o conteúdo fosse abordado de maneira didática a fim de ser um produto de fácil entendimento por parte do nosso público alvo, no caso, os alunos. Após analisarmos outros documentários com a mesma temática e com a instrução do nosso orientador, decidimos dividir o documentário em três temáticas: A poluição no Mundo, Brasil e em Macapá; A realidade de Macapá e as Soluções por meio da Educação Ambiental.

A divisão dos blocos ocorreu dessa forma, pois concluímos que essa problemática precisava ser abordada de forma ampla. Em vista disso, é preciso primeiramente entender o

contexto da poluição decorrente do descarte inadequado de lixo ao redor do mundo, em todas as esferas, e a partir daí, apresentar a realidade em que vivemos na nossa cidade e finalmente, mostrar possíveis soluções para amenizar o problema.

Ordenadas as ideias e com todo o material coletado, realizamos a segunda etapa do roteiro, a decupagem. Nesse processo, foi realizada a transcrição de todas as entrevistas para auxiliar na estruturação. Na compreensão de Puccini (2011) essa etapa possibilita ao documentarista a seleção e montagem de uma estrutura para o filme.

O roteiro é composto por entrevistas, *voz over* que é um termo utilizado por Nichols (2011) para referir-se à narração, além de recursos visuais que ajudam na compreensão do assunto como legendas, ilustrações e textos na tela. Todos os elementos foram pensados durante o processo de produção do roteiro.

A montagem da escrita do documentário foi iniciada pelo primeiro bloco intitulado Uma realidade de todos nós. Dessa forma, introduzimos o problema em relação ao Mundo, no Brasil e em Macapá. O elemento mais utilizado foi os *off's* com o auxílio de imagens e dados que fazem referência ao assunto.

O segundo bloco chamado de O caminho do lixo em Macapá contextualiza a questão na cidade de Macapá. Nessa etapa foram inseridas as entrevistas com a população em forma de pesquisa de opinião, com o especialista em resíduos sólidos, Mariano Rocha, com representantes que trabalham no Aterro Sanitário, Manoel Silva Hernan Oliveira e com o Ex-secretário de Meio Ambiente do Estado, Marcelo Creão. Todas as entrevistas foram importantes para auxiliar na apresentação do problema na cidade. Além disso, também foi utilizado *off's*, imagens e dados.

Por fim, o último bloco denominado Conscientizando geradores de lixo é um dos mais importantes do documentário, pois ele traz as possíveis soluções para amenizar o problema. É o foco do nosso trabalho, visto que o intuito é trabalhar com uma educação ambiental. Nesse contexto, abordamos a reciclagem como solução e inserimos as oficinas realizadas pelos alunos na Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira e suas respectivas explicações dadas pelos próprios estudantes, técnico ambiental que acompanha, Ezequiel Amoras e pela diretora Escola, Keila Moraes.

Para tratar a respeito da educação ambiental no âmbito escolar e social, inserimos a entrevista com a especialista da área, Alzira Oliveira. Por fim, foi abordado com o professor Mariano Rocha a importância das mídias nesse processo de educação. A população aparece nesse bloco para dar sua opinião a respeito da temática. Os recursos usados foram além de entrevistas o *off* e imagens.

Após a montagem das sequências citadas acima, foi realizado a gravação dos 16 *off's* que compõem a narração do documentário pela professora e acadêmica de jornalismo da UNIFAP, Jacimara Castro.

## 6.7 EDIÇÃO

A edição foi fundamental na estruturação do documentário. Essa etapa denominada de pós-produção, na compreensão de Puccini (2011), implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências e define o texto do filme dando forma final ao seu discurso.

O processo de edição foi baseado no tipo de documentário apresentado, nesse caso expositivo, e no público direcionado, que são alunos e professores. Dessa forma, a edição foi realizada de forma que o conteúdo fosse objetivo, bem argumentado e apresentado de forma didática para uma boa compreensão.

De maneira geral, os elementos utilizados na composição deste documentário foram: *off's*, sonoras, imagens, ilustrações, trilhas e recursos visuais como telas pretas, telas laterais e legendas com informações.

Os recursos para esse processo foram: *notebook* com os programas *Adobe Creative Cloud Pro CC 2018* (editor principal), *After Effects CC 2018* (editor de efeitos), *Audition – Adobe* (editor de áudio), além de monitor e caixinhas de som.

A primeira etapa de montagem consistiu, na análise do material filmado contendo as entrevistas, imagens e sons captados, além dos *off's* gravados em estúdio. Essa etapa de seleção inicial, no entendimento de Puccini (2011), é importante, já que elimina todos os planos que apresentam problemas técnicos, bem como aqueles que não têm interesse para o filme.

Após essa análise, foi organizado seguindo o roteiro, a sequência de *off's* e sonoras. Nesse primeiro momento, também foi feito os cortes necessários do material de sonora. O corte no entendimento de Zettl (2015) é a transição mais comum, além de ser a principal responsável pelo ritmo básico de uma sequência de tomadas.

O documentário é composto por 20 *off's* e 28 sonoras. A quantidade de sonoras equivale aos *off's* por ser tratar de um gênero documentário, que segundo Nichols (2012), é caracterizado por mostrarem aspectos ou representações auditivas e visuais representadas por pessoas, grupos e instituições. Nesse contexto, é por meio dos entrevistados que mostramos a realidade vivenciada e o que podemos fazer para mudar a questão.

**Tabela 3 – Off's e Sonoras do Documentário**

<b>OFF's</b>		
<b>NOME</b>	<b>CARGO</b>	<b>TEMPO TOTAL</b>
Jacimara Castro (narração principal)	Professora da rede estadual de Macapá e acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá	7m21s
Ezequiel Amoras	Técnico em Educação Ambiental e responsável pelas oficinas de reciclagem	2m29s
Mariano Rocha	Professor do curso de Engenharia Ambiental e Especialista em Gestão de Resíduos Sólidos	13s
<b>SONORAS</b>		
Mariano Rocha	Professor do curso de Engenharia Ambiental e Especialista em Gestão de Resíduos Sólidos	5m29s
Aimé Mareco	Estudante	2s
Rafael Mendes	Estudante	4s
Daniele Farias	Estudante	3s
Hernan Oliveira	Balanceador do aterro sanitário	21s
Manoel da Silva	Representante do aterro sanitário de Macapá	42s
Daniel Silva	Funcionário Público	36s
Marcelo Creão	Ex-secretário de Estado de Meio Ambiente	2m17s
Nara França	Moradora do Conjunto Residencial Jardim Açucena	13s
Tereza do Nascimento	Catadora de materiais recicláveis do aterro sanitário de Macapá	32s
Alzira Oliveira	Professora especialista em educação ambiental – UNIFAP	3m29s
Keila Moraes	Diretora da Escola Municipal José Leoves Teixeira	53s
Ezequiel Amoras	Técnico em Educação Ambiental e responsável pelas oficinas de reciclagem	41s
Kauany Correa	Aluna da Escola Municipal José Leoves Teixeira	12s
Claudecilia Figueira	Estudante	25s

Fonte: As autoras (2018).

A segunda etapa de edição compreende na inserção das telas pretas no estilo máquina de escrever. Essas telas fazem uma conexão com entrevistas, imagens e *off's*, apresentando explicações, perguntas e soluções para o público. Após essa etapa, foram inseridas as imagens para cobrir os *off's* e algumas sonoras.

Por fim, foi escolhido quatro trilhas para compor o documentário. Essas trilhas foram achadas no site *Youtube*, na biblioteca de áudio *YouTube Audio Library*, além disso, também foram selecionadas ilustrações que mostram explicações de maneira didáticas com o objetivo de facilitar o entendimento. As ilustrações foram obtidas por meio de portais como Repórter Eco, Programa Água Brasil, Augusto Botelho e TV Escola.

Na terceira etapa, foram acrescentadas as ilustrações e realizado outros efeitos, como o fade e a dissolvência. Na visão de Zettl (2015), o fade é utilizado para sinalizar um início (*fade in*) ou final (*fade out*) definido de uma cena. Já a dissolvência, segundo o autor, é utilizada para fornecer uma ponte suave para a ação ou indicar a passagem do tempo.



A quarta etapa consistiu na escolha do nome do documentário e de cada bloco. Deixamos para escolher esses nomes durante a edição, pois conseguimos visualizar como estava sendo montado, assim, ficou mais fácil de pensar. Nessa etapa, também contamos com a ajuda do nosso orientador. Em vista disso, os nomes foram definidos: Lixo: um grito pelo meio ambiente; Bloco 1: Uma realidade de todos nós; Bloco 2: O caminho do lixo em Macapá e por fim, o Bloco 3: Conscientizando geradores de lixo. Ainda nessa etapa, foram produzidas as artes para ilustrar os nomes.

Na quinta etapa do processo, foram inseridas as artes gráficas na entrada do documentário e em cada bloco. Também foram inseridas as trilhas. A primeira trilha com o nome de *Surrende* foi escolhida para a chamada da abertura e dos blocos, ela é característica do documentário. A segunda trilha *String Impromptu Number 1*, podemos considerar como a principal, pois aparece no decorrer dos *off's* e de algumas imagens, ela é apresentada como uma trilha dramática. A terceira trilha *Bring Me Your Sorrows* compõe a parte das ilustrações e partes mais leves do documentário. A quarta trilha *Grass* foi selecionada para compor as imagens de lixo do Bloco A Banda em Macapá.

Além das trilhas, foram inseridos no documentário, os recursos visuais com os nomes dos entrevistados, créditos durante o documentário, legendas com dados, telas ao lado com informações, cujo o objetivo foi mostrar dados recentes a respeito do que está sendo exposto em cada cena, além disso, as telas possuem letras coloridas, como uma forma de chamar a atenção do público infantil para ler as informações.

Por fim, na sexta etapa foi feito os créditos finais e uma revisão geral do documentário para verificar se precisa acrescentar ou modificar algum elemento.

O documentário Lixo: um grito pelo meio ambiente é intitulado assim por ser um nome forte e que desperta a curiosidade de quem lê. A ideia da escolha foi abordar a problemática do lixo junto a uma reflexão rápida, um pedido de socorro do meio ambiente às pessoas.

Em vista disso, o documentário apresenta uma narrativa marcante e ao mesmo tempo didática, visto que a intenção é tratar o problema do descarte inadequado de lixo de forma que desperte a atenção de quem assiste. Nesse contexto, iniciamos o documentário com imagens marcantes de pessoas e de lixo que, associado a narrativa e trilha, demonstram a temática do produto. Também optamos por introduzir uma explicação de forma ilustrativa sobre o que são resíduos sólidos.

Durante o percurso, a narrativa que se forma é voltada para explicações do problema por meio dos *off's*, entrevistas e recursos visuais e auditivos como já foi citado anteriormente.

O terceiro e último bloco é considerado um dos mais importantes, pois é onde apresentamos a proposta para a solução do problema do lixo e questionamos quem está assistindo, afim de que diante da realidade apresentada perceba que tudo depende da mudança dos nossos hábitos. Todo esse processo de edição vai ao encontro de uma Educomunicação, que é uma fusão do Jornalismo ambiental com a prática e pedagogia de ensino para chegar ao processo de informação e reflexão.

O documentário intitulado de Lixo: um grito pelo meio ambiente tem como tempo total 31 minutos e 9 segundos e é dividido em: Bloco 1: Uma realidade de todos nós, com tempo total de 4 minutos e 34 segundos; Bloco 2: O caminho do lixo em Macapá, apresentado em 10 minutos e 33 segundos e encerra com o Bloco 3: Conscientizando geradores de lixo, que possui 16 minutos e 2 segundos.

## 6.8 PÚBLICO-ALVO

O documentário é destinado a professores e alunos das escolas da rede municipal de ensino que trabalham com turmas de Ensino Fundamental I e com o Programa de Atendimento aos Alunos com Defasagem Idade e Série (Praadis). O produto tem a finalidade de servir como recurso didático, contribuindo assim, no processo de educação ambiental nas escolas.

Ao utilizar o documentário como prática pedagógica, o professor que é mediador dessa relação, pode levantar debates na sala de aula, gerando assim, questionamentos sobre o descarte inadequado de lixo e conseqüentemente a poluição. Além disso, auxiliará a escola a trabalhar oficinas de reciclagem como maneira de solucionar o problema.

Pois, as crianças e adolescentes possuem maior facilidade para absorver conhecimento e aprender a ter condutas ambientais corretas, pois ainda não possuem hábitos formados. Nesse contexto, trabalhar esse tema na escola é auxiliar na formação dos alunos e, sobretudo fazer com que eles repliquem o conhecimento, alcançando o público adulto.

Embora o documentário seja direcionado para um tipo de público, a nossa intenção é que sirva como base de conhecimento para toda a sociedade, visto que é um problema que todos enfrentam e que juntos podemos contribuir em prol de uma vida melhor.

## 6.9 VEICULAÇÃO

A veiculação para o público-alvo proposto neste trabalho será realizada no formato digital DVD, que conterà a capa e o produto em fita. A entrega será feita na SEMED e o propósito é que seja repassado o material para as escolas municipais.

Como forma de incentivar a prática dessa veiculação nas escolas, pensamos em um pequeno lançamento para divulgarmos o produto. O lançamento pode ocorrer na própria Secretaria de Educação tendo como convidados os representantes das escolas.

Apesar de o documentário ter sido pensado para um público específico, ele apresenta um único objetivo que é contribuir no processo de educação ambiental. Desse modo, visamos adaptar e publicar em portais educativos, como a TV Escola e a TV Cultura.

Por fim, com o intuito de atingir a sociedade como um todo, o documentário será adaptado para veiculação on-line por meio do *Youtube* que é uma das plataformas mais acessadas na internet. Ao optar por esse meio, a intenção é que todos tenham a possibilidade de assistir o documentário.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu abordar um dos problemas ambientais mais evidentes na sociedade, o descarte inadequado de lixo. Tendo em vista trabalhar essa questão, o documentário jornalístico visou mostrar as consequências para essa prática paralelo a um processo de conscientização mostrando possíveis soluções para amenizar o problema.

A decisão em abordar esse tema surgiu após a verificação, por meio das mídias, de que as questões ambientais são noticiadas, e nem sempre, suscitam uma possível reflexão no público que assiste. Então, nos questionamos sobre como podemos trabalhar uma conscientização com a ajuda do Jornalismo ambiental, colocando em prática conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Jornalismo. Neste sentido, este trabalho é resultado de uma experiência e um compromisso, como futuras profissionais, de informar e sensibilizar a sociedade.

O documentário Lixo: um grito pelo meio ambiente é intitulado assim para evidenciar o tema principal da produção, ou seja, o problema do lixo. O intuito é despertar a atenção para essa questão, proporcionar uma reflexão, e porque não, é um pedido de socorro do meio ambiente às pessoas.

Como uma forma de melhor trabalhar essa relação, escolhemos como público alvo alunos e professores da rede municipal de ensino. Por se tratar de estudantes que possuem faixa etária de 9 a 15 anos, a linguagem do documentário foi desenvolvida para ser a mais didática possível. Dessa maneira, todo o processo de produção foi considerado essencial para a construção de uma linguagem clara e concisa.

A etapa de pré-produção consistiu na pesquisa bibliográfica e documental com estudos dos teóricos e levantamento de informações a respeito do assunto. Posteriormente, na etapa de produção, foram realizados os dois métodos que foram essenciais na construção desse produto: a pesquisa etnográfica e a pesquisa-ação.

Na pesquisa etnográfica foi utilizado a técnica de entrevista em que os personagens apresentaram as questões acerca do problema. E a pesquisa-ação contou com a participação indispensável dos alunos da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira. Por meio desses jovens, conseguimos transmitir a solução para o problema, mostrando as oficinas de reciclagem.

Outro momento de desenvolvimento do trabalho foi a etapa de pós-produção que consistiu na edição do produto. Essa etapa foi decisiva no resultado final do trabalho, dessa

maneira, os elementos utilizados na composição foram: *off's*, sonoras, imagens, ilustrações, trilhas e recursos visuais como telas pretas, telas laterais e legendas com informações.

O documentário apresenta uma narrativa marcante e ao mesmo tempo didática com o propósito de apresentar o problema de forma objetiva e bem argumentada, instigando no final, a um questionamento do que podemos fazer para mudar a realidade mostrada. Todo esse processo de edição vai ao encontro da Educomunicação, que é uma fusão do Jornalismo ambiental com a prática e pedagogia de ensino para chegar ao processo de informação e reflexão.

Diante desse contexto, o documentário televisivo construído nesse trabalho responde o problema e a hipótese inicial levantada. Por meio desse recurso midiático, o jornalismo ambiental, contribuí em um processo de conscientização direcionado a alunos e professores alunos da rede pública de Macapá.

O gênero documentário permiti uma melhor apreensão do assunto por se tratar de um produto que apresenta som e imagem. Ao ser trabalhado dentro da sala de aula, ele se torna uma enriquecedora prática pedagógica, pois pode levantar debates sobre o que é conteúdo apresentado, nesse caso, a poluição.

Esse gênero é apenas uma das mídias que podem ser trabalhadas no contexto escolar. A educomunicação apresenta essa proposta e cada vez mais está sendo debatida. As escolas são consideradas formadoras de conhecimento e ao utilizar o recurso midiático como prática pedagógica está ganhando mais uma maneira de ser disseminadora desse poder.

Este documentário é um importante passo para incentivar a prática Educomunicativa na escola. Diante de toda a questão debatida, o que esperamos é que ele alcance o nosso público, servindo como forma de ensino nas escolas municipais. E que muito, além disso, todos que assistirem possam compreender a essência abordada, gerando assim, uma reflexão de seus hábitos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA; VEIGA, Vera. (Org.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011, p. 119-130.

BRASIL. Lei n. 6938, de 31 de Agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L6938.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L6938.htm). Acesso em: 25 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm). Acesso em: 25 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Manual de Comunicação e Uso de Mídias 2013**.

Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12328-comunicacaoeusodemidias-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12328-comunicacaoeusodemidias-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 13 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Educação Ambiental**.

Disponível em:

[http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/txbase\\_educom\\_20.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/txbase_educom_20.pdf). Acesso em: 25 jan. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito**. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.

BURINI, Débora; MOURA, Jefferson José Ribeiro. O rádio como mediador na educomunicação. **Revista Educação, Cultura e Comunicação**, São Paulo, v.6, n.11, p. 73-81, jan./jun. 2015.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.cca.eca.usp.br/content/adilson-citelli-lanca-livro-sobre-aceleracao-social-tempo-universo-escolar>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

CITELLI, Adilson; FALCÃO, Sandra Pereira. Comunicação e educação: um contributo para pensar a questão ambiental. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2015

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI, Ilza Marinho *et al.* Caminhos e Descaminhos do Jornalismo ambiental. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez., 2012.

GÓMEZ OROZCO, Guillermo. Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: tríade do século XXI. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-70, jan.abr.2002.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da Comunicação à Educação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio./ago. 2000.

\_\_\_\_\_. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Tradução: Carlos de Jesus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares. In: **Comunicação midiaticizada na Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011, p. 312.

MORÁN, José Emanuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27 a 35, jan./abr., 1995.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins, 5ª ed., Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling . Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **In: Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**. Disponível em: <[http://www.redalyc.org/jatsRepo/316/31652406009/html/index.html#redalyc\\_31652406009\\_ref23](http://www.redalyc.org/jatsRepo/316/31652406009/html/index.html#redalyc_31652406009_ref23)>. Acesso em: 16 jan. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. São Paulo: Papyrus, 2009.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Comunicação e Espaço Público: Comunicação, Cultura e Cidadania no Brasil. In: **Comunicação e Espaço Público**, Brasília (DF), v. 1, n. 2, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social. **Revista Científica ECCOS**, São Paulo: v. 2, n. 2, p. 61-68, 2000.

\_\_\_\_\_. Educom TV: o curso online para rede pública. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 26, p. 110 a 112, jan./abr., 2003.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 11 jan. 2018a.



\_\_\_\_\_. **Eossistemas Comunicativos**. Disponível em:  
<<http://http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 13 jan. 2018b.

\_\_\_\_\_. **Comunicação-Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em:  
<<http://http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 13 jan. 2018.c.

\_\_\_\_\_. **O perfil do Educomunicador**. Disponível em:  
<<http://http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 13 jan. 2018.d.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TRAJBER, Rachel; COSTA, Larissa (org.). **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais audiovisuais**. São Paulo, Petrópolis, Ecoar, 2001. p. 160.

WOLF, Mauro. Contextos e Paradigmas na pesquisa sobre o mass media. In: **Teorias da Comunicação**. Lisboa: editora presença, 1995, cap. 1.

WRIGHT, Charles. Contextos e Paradigmas na pesquisa sobre o mass media. In: **Teorias da Comunicação**. Lisboa: editora presença, 1995, cap. 1.

ZETTL, Herbert. **Manual de Produção de Televisão**. Tradução: All Tasks. São Paulo: Cengage Learning, 2015

## **APÊNDICE – ROTEIRO DE PERGUNTAS**

### **Alunos participantes do projeto:**

1. Qual a importância da oficina para você e para o meio ambiente?

### **Técnico em Educação Ambiental e responsável pelas oficinas**

1. Como surgiu a iniciativa de trabalhar com as oficinas?
2. Você pode explicar o passo a passo de cada oficina?
3. Em sua opinião, qual a importância da educação ambiental na vida dessas crianças?

### **Diretora da Escola, Keila Moraes**

1. Como surgiu a ideia do projeto de educação ambiental aqui na escola?
2. Quantos alunos participam das oficinas ministradas pelo técnico Ezequiel? E como foi feito essa divisão?
3. Por que vocês escolheram os alunos do PRAADS?
4. Você acredita que a escola está no caminho para se tornar um modelo de educação ambiental?

### **Especialistas em educação ambiental**

Mariano Rocha, professor e especialista em resíduos sólidos da Universidade do Estado do Amapá (UEAP)

1. O senhor pode explicar a diferença entre lixão, aterro controlado e aterro sanitário.
2. Quais alternativas, na sua visão, ajudariam o controle de lixo produzido pelo ser humano?
3. Opinião sobre a incineração de resíduos sólidos.
4. Em sua visão, como é a questão do lixo em Macapá.
5. Quanto tempo leva alguns materiais como plástico para se decomporem no meio ambiente?
6. Trabalhar a questão de reciclagem com crianças é uma boa forma de levar conscientização para os pais e familiares?

Alzira Oliveira, professora e especialista em Educação Ambiental da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

1. Do que se trata a educação ambiental?
2. Explique do que se trata a Lei da Política Nacional de Educação Ambiental.
3. De que forma pode ser trabalhada a Educação Ambiental nas escolas e na sociedade?
4. Como o nosso público é voltado para crianças, qual a importância de trabalhar essa temática com elas?

5. No geral, qual é a importância da educação ambiental para a nossa vida?
6. Nós estamos abordando no documentário três oficinas de reciclagem utilizando materiais como papel, pneu e resto de alimentos, realizadas por alunos da Escola Municipal Professor José Leoves Teixeira. Gostaria que explicasse a importância de cada uma.

### **Representante de instituições**

Marcelo Creão, ex-secretário de Estado do Meio Ambiente

1. Quais as políticas públicas realizadas para o tratamento de resíduos sólidos no estado do Amapá?
2. Na sua gestão, quais os projetos voltados para essa questão foram realizados?

Hernan Oliveira - Balanceador do Aterro Sanitário de Macapá

1. Como é feito o procedimento a partir do momento que os caminhões chegam aqui?
2. Normalmente quantos veículos vêm por dia?

Manoel da Silva, representante do Aterro Sanitário de Macapá

1. Como é feito o tratamento dos resíduos sólidos?
2. Qual a quantidade de lixo que chega aqui diariamente?
3. De quais municípios vem esse lixo?
4. Quais resíduos vocês recebem aqui além dos resíduos domésticos?

### **População**

1. Você acha importante a separação de lixo?
2. Você faz um descarte de lixo adequado?
3. Quanto a separação de lixo, você acha que a iniciativa deve partir de quem?
4. Você acredita que a mídia tem um papel importante de sensibilizar as pessoas quanto a esse problema?
5. Você acha importante levar a educação ambiental para as crianças nas escolas de Macapá?